

Arte, loucura e humanização

Leda Maria Codeço Barone

Leda Maria Codeço Barone é psicanalista, membro associado da SBPSP, doutora em Psicologia escolar pelo IP-USP.

Resumo O trabalho tem como objetivo, a partir da leitura do livro *A expressão artística nos alienados*, de Osório Cesar, desenvolver algumas questões relativas ao papel da arte como elemento de humanização e como resistência no universo da loucura. A questão: *a que resiste a expressão dos alienados?* acompanhará nossa discussão ao longo do percurso.

Palavras-chave arte; loucura; humanização; resistência; esquecimento.

DOI: 10.70048/percurso.72.23-28

“O ato de resistência possui duas faces. Ele é humano e é também um ato de arte. Somente o ato de resistência resiste à morte, seja sob a forma de uma obra de arte, seja sob a forma de uma luta entre os homens.”

[Gilles Deleuze, “O que é o ato de criação?” (Paris, 1987)]

Pretendemos neste trabalho desenvolver, a partir da leitura do livro *A expressão artística nos alienados*, de Osório Cesar, questões relativas ao papel da arte como elemento de humanização e como resistência, no universo da loucura. A questão: *a que resiste a expressão dos alienados?* nos acompanhará ao longo desse percurso.

A leitura do livro citado impacta o leitor pela força de sua narrativa, por sua consistência teórica, pelo ineditismo da proposta em nosso meio, e sobretudo, por transparecer a generosidade de um visionário em sua tentativa de humanizar um espaço, sabidamente desumanizador, onde o abrigado perde o nome, a história, a identidade e seu lugar de fala.

Sobre a desumanização nesses espaços lembro que em 2004, conforme informa Arbex¹, uma inspeção realizada nessas unidades pela Comissão Nacional de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia e do Conselho Federal da Ordem dos Advogados encontrou condições subumanas em 28 delas. E talvez o exemplo mais extremo de desumanização seja o encontrado no *Colônia*, hospital psiquiátrico sediado em Barbacena, MG, que vigorou de 1903 a 1980. Em um livro impactante e emocionado, Arbex conta a história desse hospital

¹ D. Arbex, *Holocausto brasileiro*.



Nise propõe transformação radical com a utilização de ateliês de expressão das emoções por meio de recursos criativos

psiquiátrico no qual, ao longo de seu funcionamento, cerca de 60 mil pessoas perderam a vida em condições desumanas. É dramático conhecer o comentário de Brum², no prefácio do livro aqui referido:

Homens, mulheres e crianças, às vezes, comiam ratos, bebiam esgoto ou urina, dormiam sobre capim, eram espancados e violados. Nas noites geladas da serra da Mantiqueira, eram atirados ao relento, nus ou cobertos apenas por trapos. [...] Os pacientes do Colônia morriam de frio, de fome, de doença. Morriam também de choque. Em alguns dias, os eletrochoques eram tantos e tão fortes, que a sobrecarga derrubava a rede do município. Nos períodos de maior lotação, dezesseis pessoas morriam a cada dia. Morriam de tudo – e também de invisibilidade.

Um dos médicos entrevistado por Arbex, Ronaldo Simões Coelho³, que no final dos anos 1970 denunciou o *Colônia* pedindo a sua extinção, e que pouco depois foi demitido, assim se refere a ele:

Lá, existe um psiquiatra para 400 doentes. Os alimentos são jogados nos cochos, e os doidos avançam para comer. O que acontece no *Colônia* é a desumanidade, a crueldade planejada. No hospício, tira-se o caráter humano de uma pessoa, e ela deixa de ser gente. É permitido andar nu e comer bosta, mas é proibido o protesto qualquer que seja a sua forma.

Sobre a articulação entre produção cultural e práticas em saúde, Lima *et al.*⁴ apontam o trabalho pioneiro de Osório César na década de 20

do século passado e de Nise da Silveira algumas décadas mais tarde quando a ilustre psiquiatra estimula a produção artística dentro dos hospitais psiquiátricos.

Nise da Silveira inicia seu trabalho no Centro Psiquiátrico Pedro II no Rio de Janeiro e, convidada a trabalhar com os recursos da época como eletrochoque, choque de insulina e lobotomia, a psiquiatra prefere dirigir-se ao setor de terapia ocupacional onde os internos se ocupavam de tarefas rotineiras de limpeza. Lá, Nise propõe transformação radical introduzindo metodologia de intervenção com a utilização de ateliês de expressão das emoções por meio de recursos criativos para serem manuseados, sentidos e percebidos. Utilizou recursos de costura, bordado, desenho, pintura e modelagem. Porém essas atividades eram acompanhadas pelo afeto dos monitores e da atenção de Nise, que participava do dia a dia dos ateliês.

Para Frayze-Pereira⁵ o contato com a obra de Nise da Silveira no Museu de Imagens do Inconsciente reordenou seu trabalho de pesquisa, que passa a transitar entre a estética da recepção e a psicanálise da criação artística. De fato, a contribuição do autor em nosso meio, como também foi a de Mário Pedrosa, transforma o entendimento da relação entre arte, loucura e cultura.

Outra obra importante para o desenvolvimento do pensamento de Frayze-Pereira⁶ foi o contato com a *História da loucura* de Foucault, que, como reconhece o próprio autor, não se trata da história da psiquiatria, mas do silenciamento da loucura, “trata-se da recuperação de um processo que tem início no Renascimento quando, livre e audível, a loucura logo é submetida e em pouco tempo emudecida pela era clássica”.

Frayze-Pereira⁷, no entanto, se coloca outro problema em seu trabalho: o de responder, ou encontrar possíveis respostas, a questões como:

Se forem levados em conta os destinos da loucura no mundo moderno, que significa hoje, expor ou conservar a produção de loucos, por exemplo em um museu? Estaria aberto à loucura, através da arte, um caminho que a ressignifica aos olhos contemporâneos?



Assim, reconhecendo que essas questões colocam a loucura num processo de comunicação, a figura do expectador ou leitor ganha outra dimensão, na qual o “receptor realiza uma função histórica indispensável”. É nessa direção que o autor vai dirigir seu trabalho por meio da “escuta” dos expectadores diante da exposição da “arte incomum”; a arte dos loucos.

A noção de *humanidade*, a ser distinguida da de *homem*, na concepção de Penna⁸, surge após a Segunda Guerra Mundial com a descoberta dos campos de extermínio alemães. Segundo o autor, é nesse contexto que o Tribunal de Nuremberg forjou a categoria de *crime contra a humanidade* ou *crime contra o status do humano*, como preferiu chamar Hanna Arendt.

Relatos como os de Robert Antelme em seu livro *A espécie humana*, e de Primo Levi no livro *É isto um homem*, entre outros, narram os horrores nazistas dos campos de concentração onde a humanidade dos detentos foi colocada em suspenso.

Antelme e Levi, ambos prisioneiros de campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, foram contundentes ao mostrar ao mundo as atrocidades vividas nesses espaços de confinamento nos quais os prisioneiros parecem perder seu status de humano. Esses escritos têm servido para uma série de questionamentos sobre a condição humana, bem como da importância desses testemunhos capazes de resistência. Com sua narrativa, tais autores transmitem experiência extrema e cruel que nega a humanidade de suas vítimas. Pelo relato expressam o inexprimível e

a noção de humanidade, a ser distinguida da de homem, na concepção de Penna, surge após a Segunda Guerra Mundial com a descoberta dos campos de extermínio alemães

testemunham o esforço brutal, em meio a tanta perversidade, de permanecer ainda humanos.

Espaços de confinamento como hospício, prisão, campo de concentração roubam a condição de humanidade de suas vítimas. Espaços de exclusão que colocam seus usuários como depositários do que é insuportável na sociedade e por isso deve ser excluído, banido e mantido à distância.

Em sua *História da loucura*, Foucault⁹ traça uma linha de continuidade entre os milhares de leprosários existentes durante a Idade Média e o surgimento dos hospícios. O desaparecimento da lepra deixa sem utilidade “esses lugares obscuros e esses ritos que não estavam destinados a suprimi-la, mas sim mantê-la a uma distância sacramentada, fixa-la numa exaltação inversa”.

Ainda para Foucault¹⁰, o que vai permanecer após o desaparecimento da doença são os valores e as imagens aderidas à personalidade do leproso; “é o sentido dessa exclusão, a importância no grupo social dessa figura insistente e temida que não se põe de lado sem se traçar à sua volta um círculo sagrado”. Nesse sentido, a verdadeira herança da lepra é a loucura, fenômeno complexo do qual a medicina demorou a se apropriar¹¹. Assim, desaparecida a lepra, permanece a estrutura de exclusão, na qual o louco assumirá o papel deixado pelo leproso.

Para o autor, ainda no século xv, o tema da morte impera sozinho o imaginário, e expressa em diferentes obras da cultura “imagens zombeteiras da morte [...] O fim do homem, o fim dos tempos assume o rosto das pestes e das guerras. [...] E eis que nos últimos anos do século esta

2 E. Brum, “Os loucos somos nós” (prefácio), in *Holocausto brasileiro*, p. 14.

3 R. Coelho, citado por D. Arbex, *op. cit.*, p. 200.

4 E.A. Lima et al., Interface arte, saúde e cultura: Um campo transversal de saberes e práticas. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 19, n. 55. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0680>.

5 J.A. Frayze-Pereira, “Nise da Silveira. Imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política”, *Estudos avançados*, v. 17, n. 49.

6 J.A. Frayze-Pereira, *Olho d’água: Arte e loucura em exposição*, p. 23.

7 J.A. Frayze-Pereira, *Olho d’água*, p. 26.

8 J.C. Penna, “Sobre viver no lugar de quem falamos (Giorgio Agamben e Primo Levi)”, in M. Seligman-Silva (org.), *Palavras e imagem, memória e escritura*.

9 M. Foucault, *História da loucura*, p. 6.

10 M. Foucault, *op. cit.*, p. 6.



*a relação entre arte
e cultura pode ser observada
desde os estudos antropológicos
que definem a arte como
constitutiva do humano*

grande inquietude gira sobre si mesma: o desatino da loucura substitui a morte e a seriedade que a acompanha”¹². Nesse sentido, a experiência da loucura é uma continuação rigorosa da lepra. “O ritual de exclusão mostrava que ele era, vivo, a própria presença da morte”, afirma Foucault¹³ em nota. E dessa maneira precisando ser escondido, excluído e tornado invisível aos olhos do “normal”, pois o louco coloca em cena o desamparo constitutivo do humano e a falta de sentido da existência.

Num belo texto de Candido¹⁴, intitulado *O direito à literatura*, escrito para um evento sobre *Direitos humanos e literatura*, o autor propõe o que entende por humanização. Diz ele:

Entendo por *humanização* [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

O autor ainda afirma que a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade porque nos torna mais abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante.

Ainda para Candido¹⁵, “a eficácia humana é função da eficácia estética, e portanto o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar formas pertinentes”.

Não apenas a literatura, mas a arte em geral, seja qual for, no nosso entender tem essa mesma

eficácia. Pareyson¹⁶ afirma existir, principalmente, três definições de arte: arte como fazer, como conhecer ou como exprimir. Para o autor essas concepções às vezes se contrapõem, outras se excluem ou ainda se aliam e articulam de diversas maneiras.

Após examinar cada uma dessas definições, Pareyson sublinha a arte como um *fazer*, e propõe ser o essencial da arte, o produtivo, realizativo, executivo. Porém não é qualquer fazer, visto que todas as atividades humanas implicam um lado executivo, realizativo, mesmo atividades propriamente espirituais e de pensamento. Mas, para o autor, não se trata de qualquer fazer, porque a arte é também *invenção*¹⁷: “Ela não é a execução de qualquer coisa já ideada, realização de um projeto, produção segundo regras dadas ou predispostas. *Ela é um fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer*”. Nesse sentido, na arte, execução e invenção são indissociáveis, de modo a que a obra realizada é absolutamente original e irrepetível.

A relação entre arte e cultura pode ser observada desde os estudos antropológicos que definem a arte como constitutiva do humano. Para autores como Geertz¹⁸, “a cultura, em vez de ser acrescentada, por assim dizer, a um animal acabado, ou virtualmente acabado, foi um ingrediente, e um ingrediente essencial, na produção desse animal”.

Isso significa para o autor que, *grosso modo*, não existe natureza humana independente da cultura. Assim, conclui: “Sem os homens certamente não haveria cultura, mas, de forma semelhante e muito significativamente, sem cultura não haveria homem”¹⁹.

Para o autor, a cultura é uma resposta a desafios à sobrevivência, e essa resposta é uma revelação daquilo que os homens são. Na formulação de Geertz, essa dupla face da cultura, enquanto produto e exteriorização de manifestações humanas, repercute nos próprios homens, uma vez que são moldados por aquilo que exteriorizam. Os homens são, portanto, “artefatos culturais”.



Outro aspecto importante nas várias teorias propostas por antropólogos é o fato de todas terminarem por discutir o papel da arte na organização da cultura, conforme aponta Iser²⁰. Em suas observações, apoiado em autores como Leroi-Gourhan, Iser constata que os elementos artísticos constituem importantes traços contemporâneos ao início observável da humanidade. Veja por exemplo que a ferramenta – extensão da mão humana – foi desde sempre enfeitada com ornamentos indicativos de que o estilo acompanha a função mecânica da ferramenta. Acrescenta o autor que

sem tais representações figurativas, o equilíbrio dos vários aspectos da confecção de ferramentas seria afetado, pondo em risco o próprio uso da ferramenta. A roupagem figurada da função mecânica simboliza uma ligação com aquele uso, e, sem ela, a ferramenta pode não estar ‘forjada’ na sua forma operável. A ornamentação representa, portanto, a maneira pela qual o produtor se relaciona com o produto, indicando que este foi feito.²¹

Continuando seu argumento, Iser considera a arte um componente inevitável da cultura, independentemente de considerá-la o apogeu da cultura ou de reconhecer que uma estética funcional acompanha a exteriorização das capacidades humanas.

Em sua conferência de 1987, Deleuze definiu o ato de criação como um “ato de resistência”. E, seguindo André Malraux, resistência à morte antes de tudo, mas também resistência

pensamos que a arte nos hospitais psiquiátricos – como também em outros lugares – serve como uma resistência e resguardo da humanidade ameaçada nesses espaços

ao paradigma da informação, por meio do qual o poder é exercido no que o filósofo chama de “sociedade de controle”, para distinguir das sociedades disciplinares estudadas por Foucault. Para Deleuze, cada ato de criação resiste a algo, e como exemplo afirma que a música de Bach é um ato de resistência à separação entre o sagrado e o profano.

E a arte nos alienados? A que resiste? Como os trabalhos de literatura do pós-guerra que possuem uma forte missão de testemunhar aquilo que não foi possível ser dito, a arte nesses alienados talvez possa ser um ato de resistência ao esquecimento de sua humanidade.

Mário Pedrosa reconhece, a partir da apreciação da arte nos alienados, a ideia de que a principal finalidade de uma ocupação artística, persistente e sistemática, não é a produção de obras-primas. O mais importante é o que adquirem com tais atividades as pessoas que as realizam. O que essas atividades produzem nessas vidas.

Acompanhando o trabalho pioneiro de Osório César e as contribuições dos autores aqui apresentadas, pensamos que a arte nos hospitais psiquiátricos – como também em outros lugares – serve como uma resistência e resguardo da humanidade ameaçada nesses espaços. A arte rompe a invisibilidade, instaura um lugar de expressão e de reconhecimento pelo outro de sua humanidade. Por meio dessa expressão o sujeito livra-se do silenciamento ao qual a reclusão o impele, e testemunha sua condição humana, evitando o esquecimento.

11 Não cabe aqui discutir o desenvolvimento da psiquiatria nem as contribuições de Freud no entendimento da loucura. Nossa preocupação é outra, como já apontamos.

12 M. Foucault, *op. cit.*, p. 15 e 16.

13 M. Foucault, *op. cit.*, p. 16.

14 A. Candido, “O direito à literatura”, in *Vários escritos*.

15 A. Candido, *op. cit.*, p. 182.

16 L. Pareyson, *Os problemas da estética*.

17 L. Pareyson, *op. cit.*, p. 32.

18 C. Geertz, *A interpretação das culturas*, p. 34.

19 C. Geertz, *op. cit.*, p. 36.

20 W. Iser, “O que é antropologia literária”, in J.C. Rocha (org.), *Indagações à obra de Wolfgang Iser*.

21 W. Iser, *op. cit.*, p. 149.

Referências bibliográficas

- Agamben G. (2018). O que é o ato de criação? In *O fogo e o relato. Ensaios sobre criação, escrita, arte e livros*. São Paulo: Boitempo. p. 59-81.
- Arbex D. (2014). *Holocausto brasileiro*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Brum E. (2014). Os loucos somos nós. Prefácio. In Arbex D. *Holocausto brasileiro*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Candido A. (1988/2004). O direito à literatura. *Vários escritos*. São Paulo e Rio de Janeiro: Duas Cidades. p. 169-191.
- Deleuze G. (1987/1999). O ato de criação. *Folha de S.Paulo*. 27 jun.
- Frayze-Pereira J.A. (1995). *Olho d'água. Arte e loucura em exposição*. São Paulo: Escuta.
- _____. (2003). Nise da Silveira. Imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, 2003.
- Foucault M. (1999). *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva.
- Geertz C. (2017). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Iser W. (1999). O que é antropologia literária? In Rocha J.C.C.R. (org.) *Indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: Uerj. p. 147-178.
- Lima E.A. et al. (2005/2015). Interface arte, saúde e cultura: Um campo transversal de saberes e práticas. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 19, n. 55, 1019-1022.
- Pareyson L. (1989). *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes.
- Penna J. C. (2006). Sobre viver no lugar de quem falamos (Giorgio Agamben e Primo Levi). In Seligmann-Silva M. (org.), *Palavra e imagem, memória e escrita*. Chapecó: Argos. p. 127-184.

Art, madness and humanization

Abstract The intention of this work, based on reading the book *A expressão artística nos alienados*, by Osório Cesar, is to develop some questions regarding the role of art as an element of humanization and as resistance in the universe of madness. The argument: “what does the expression of the alienated resist to?” will accompany our discussion along the way.

Keywords art; madness; humanization; resistance; oblivion.

Texto recebido: 04/2024

Aprovado: 06/2024